

As fontes escriturísticas, a Tradição e o Magistério da Igreja, unidos a um prévio enquadramento do problema nos seus traços característicos, constituem o substrato a partir do qual o Autor parte para delinear o estado da questão e as soluções perspectivadas, indicando o seu grau de autoridade e fazendo seguir a crítica das eventuais divergências entre os moralistas, de modo a permitir ao leitor um rápido discernimento entre os ensinamentos do Magistério e as conclusões pessoais do Autor ou de outros teólogos.

Lino Ciccone, que é considerado entre os mais autorizados e apreciados autores contemporâneos de Teologia Moral, é desde 1953 professor desta matéria no Collegio Alberoni de Piacenza. É membro da Comissão Científica da Federação dos Consultores Familiares de Inspiração Cristã e Consultor do Pontifício Conselho para a Família e da S. Congregação para o Clero. É autor de numerosos estudos de Teologia Moral, entre os quais: *Humanae vitae*. *Analisi e orientamenti pastorali*, Edizioni Pastoral, Roma 1970; *Il problema dell'aborto e la risposta cattolica*, *Opera Regalita*, Milano 1975; *Etica sessuale cristiana dopo la dichiarazione «Persona humana»*, Edizioni Ares, Milano 1977; *Salute e mallattia*, *Salcom*, Brezzo di Bedero 1983.

J.A. Marques

GARCIA DE HARO, Ramón, *Legge, coscienza e libertà*. Ed. ARES. 1 vol. de 148 ps. 210×150. Milano 1984.

Ragione & fede, a nova colecção das Edizioni Ares na qual serão publicados textos de base para os estudos filosóficos e teológicos, começa com um estudo do teólogo Ramón García de Haro consagrado a precisar — à luz da antropologia filosófica mais rigorosa e sobre a base da Revelação — as relações entre lei moral e consciência pessoal, relações que com frequência são mal entendidas precisamente com o uso escorregado do termo «liberdade». Os três temas em questão — lei, consciência e liberdade — são precisamente a base de todo o discurso moral; depois, para a teologia, são o tema

basilar da Teologia Moral fundamental, disciplina de que o Autor é especialista e que constitui o âmbito científico desta obra, bastante clara e ao mesmo tempo rigorosa, essencial. As conclusões do argumento de García de Haro estão na linha da redescoberta do carácter positivo — por isso, libertador — da lei de Deus, dada ao homem que a acolhe na sua consciência recta e sincera e a põe em acção com a graça e a dignidade de filho de Deus.

Como observa Dionigi Tettamanzi na apresentação, «o leitor atento encontrará certamente na obra de Ramón García de Haro não só o envolvimento do Autor nestes problemas particulares, mas algo mais significativo e precioso: o convite persuasivo e convincente, mais ainda a ajuda efectiva para prosseguir para além destes problemas para atingir o nível radical, o da relação entre Deus e o homem, como fundamento que justifica e exige uma resposta bem definida aos problemas recordados».

Ramón García de Haro é professor de Teologia Moral na Universidade de Navarra e no Instituto «João Paulo II», junto da Universidade Lateranense de Roma, para estudos sobre o matrimónio e a família. Entre as suas publicações sobre Teologia Moral recordamos: *La moral cristiana e Cuestiones fundamentales de teología moral, além de numerosos ensaios publicados por revistas especializadas. Também estudou a fundo o pensamento moderno, em particular o modernismo e o marxismo, publicando entre outras coisas uma História teológica del modernismo e Karl Marx: «El capital». Fruto dos seus cursos universitários em Roma é *Il matrimonio e la famiglia nei documenti del Magistero*, editado pela Pontificia Universidade Lateranense.*

J.A. Marques

VARIOS. *Il complotto contro la vita*. Ed. ARES. 1 vol. de 160 ps. 180×115. Milano 1987.

Há uma cultura, ferozmente anti-humana, que orienta as coisas para a drástica redução da população mun-

dial com todos os meios, do aborto à contracepção, da esterilização à eutanásia. As políticas antinatalistas que se têm afirmado por toda a parte nos últimos decénios não são filhas do acaso e da coincidência, mas de um preciso projecto de domínio, concebido por uma restringida busca de pessoas e alimentada com ingentes meios financeiros. A conspiração contra a vida, aparecido em França há alguns anos e aqui apresentado de novo com veste actualizada, põe a descoberto a gélida verdade de violência que durante tantos anos tem sido impingida como contrabando sob o mito progressista do «crescimento zero». Dados, nomes, factos: documentos irrefutáveis de uma metódica falsificação, cujos efeitos nefastos já se evidenciam neste nosso Ocidente que, tendo-se dizimado com as suas mãos, ainda se afana a exportar a sua perversa «filantropia» em todos os cantos do mundo. Emérentienne de Lagrange, Marguerite-Marie de Lagrange e René Bel, um jurista, um médico e um teólogo, abriram uma brecha. Mas do Prefácio do deputado europeu Carlo Casini e da Conclusão de Vincenzo Sansonetti, chefe dos serviços Internos do Avvenire, que tomou a seu cuidado a edição italiana, torna-se manifesto que a conspiração contra a vida continua, e que para a derrotar é necessário mobilizar energias de verdade e de amor.

J.A. Marques

MAGGIOLINI, Sandro, *L'Obbedienza nella Chiesa. Attualità di una virtù difficile*. Ed. ARES. 1 vol. de 118 ps. 180×115. Milano 1988.

Será a obediência uma virtude fora de moda, contrária a um pretensão «espírito» do Concílio Vaticano II? De forma alguma. Precisamente seguindo de forma rigorosa e sugestiva a escolta do Concílio e do Magistério sucessivo, Mons. Sandro Magioli volta a propor a actualidade, a perenidade desta virtude. Uma exposição essencial, incisiva e documentada, na qual a solicitude pastoral felizmente

se encontra com uma concepção teológica de provada solidez e consistência. Um convite — simpático, além de insistente — a reconhecer na obediência uma dimensão irrenunciável do ser cristão na Igreja, para a Igreja e para o mundo: «A mentalidade que invadiu a civilização pos-industrial parece pôr em evidência particular — quase exclusiva — a dignidade da pessoa, o seu apelo à consciência e à liberdade. Apelo muitíssimo pertinente se ancorado na ontologia da pessoa e na sua derivação de Deus pela criação tendo em vista a salvação em Cristo. Apelo nebuloso, se a consciência é vista como desgarrada das leis inscritas no ser do homem e do Deus da criação e da aliança. Obedecer à consciência significa obedecer a uma consciência obediente. Se não, é arbitrariedade e enganosa autocomplacência de quem se sente justificado por uma norma que o fecha em si mesmo».

Mons. Sandro Magioli é Bispo de Carpi desde 1983. Até ensinou no seminário e na Universidade Católica; foi assistente diocesano da Fuci e vigário episcopal para a Pastoral universitária. Dirigiu a revista del clero italiano. É membro da Comissão de redacção do Catecismo universal.

J.A. Marques

ESCRIVA, Josemaria, *Sulco*. Ed. Prumo-Rei dos Livros. 1 vol. de 342 ps. 210×140. Lisboa 1987.

*São multidão, para não dizer inumeráveis, as almas que, a partir dos anos trinta, tiveram como guia e companheiro de progresso na vida interior «Caminho», um dos livros de espiritualidade mais difundidos em todo o mundo (a tiragem ultrapassa em muito três milhões de exemplares). Com o mesmo estilo íntimo e pessoal — são considerações que chegam directamente ao coração do leitor — saiu recentemente (em 1986) uma outra compilação de pensamentos do Servo de Deus Josemaria Escrivá: *Sulco*, precisamente quando se concluía a primeira fase da sua Causa de beatificação.*

Como adverte na apresentação o actual Prelado do Opus Dei, Mons. Alvaro del Portillo, «Sulco podia ter visto a luz há muitos anos. Em várias ocasiões, Mons. Escrivá de Balaguer esteve prestes a enviá-lo para a tipografia» (p. 9). Mas a partir de 2 de Outubro de 1928, data da fundação do Opus Dei, até 26 de Junho de 1975, dia em que o Senhor quis chamá-lo a Si, a existência de Mons. Escrivá foi inteiramente absorvida pelos seus deveres de Fundador e pela intensíssima actividade pastoral que realizou ao serviço da Igreja e das almas, até tal ponto que o impediu também de fazer uma última revisão deste manuscrito. No entanto, fica claro que a obra, se bem que póstuma, corresponde plenamente àquilo que o Autor tinha concebido, inclusivamente em pormenores como os títulos e a sucessão dos capítulos. Para quem, pois, como o autor deste artigo — que publicamos como recensão crítica da edição portuguesa —, teve a sorte — ou melhor, a graça — de conhecer pessoalmente o Fundador do Opus Dei, é impossível não identificar neste livro o cunho, o «sulco» traçado pela sua alma enamorada de Deus, que cumpriu plenamente a sua missão sacerdotal ao aproximar Deus do mundo e dos homens, e o mundo e os homens de Deus. Nas frases incisivas que constituem os mil pontos que integram Sulco, o Autor apela às melhores energias que se escondem nos recantos do coração de todo o homem, para que, vivificadas pela Graça divina, despertem e saibam orientar-se com vigor e generosidade para o cumprimento da Vontade de Deus: a santificação de todos os homens no seu trabalho profissional e em todas as suas actividades.

O ideal de vida cristã que Mons. Escrivá propõe é tudo menos desencarnado. «Quer atingir — diz ainda Mons. del Portillo na apresentação — a totalidade da pessoa do cristão — corpo e alma, natureza e graça —, e não somente a inteligência. Para isso, a sua fonte não é só a reflexão, mas a vida cristã como tal: reflecte as ondas de movimento e de quietude, de energia espiritual e de paz, que a acção do Espírito Santo foi imprimindo na alma do Servo de Deus e nas dos que estavam à sua volta» (p. 10).

Intui-se claramente que Sulco não é um livro «pensado à secretária», mas, pelo contrário, é o fruto de um incansável trabalho sacerdotal, feito de confidências e de conselhos, de repressões paternas e de bom humor, de sugestões que abrem insuspeitos horizontes de empenhamento cristão, de minúcias da vida quotidiana da qual se aprende a perceber a riqueza e profundidade sobrenatural.

Dos títulos dos diversos capítulos pode extrair-se o fio condutor que os une: Generosidade e Alegria, Audácia e Lealdade, Personalidade e Naturalidade, Veracidade, Amizade e Responsabilidade, eis algumas das virtudes humanas que Sulco apresenta e propõe ao leitor. Mas se, como o próprio Autor adverte no prólogo, as «virtudes humanas» constituem a trama do livro, a urdidura é o amor de Deus, contemplado no exemplo vivo de Cristo. É uma ideia que desde sempre a Igreja propôs aos crentes e que manifesta desde há séculos com as palavras de um símbolo da fé: Jesus Cristo é perfeito Deus e perfeito Homem (cfr Símbolo Quicumque). Também recentemente João Paulo II propôs repetidamente Jesus como modelo completo do ideal humano do cristão: «Cristo Redentor — afirmou na encíclica Redemptor hominis — revela plenamente o homem ao próprio homem». Portanto, se bem que se fale sobretudo de virtudes humanas, isto não quer dizer que o tema se mantenha sobre um plano meramente terreno, porque estas virtudes são «virtudes dos filhos de Deus».

Deste modo, o cristão, por um lado, é e permanece de pleno direito cidadão deste mundo, a despeito dos que queriam negar-lhe esse direito, e, por outro lado, mediante a acção da graça que aperfeiçoa a natureza, exactamente porque a perfeição humana é o primeiro degrau da escada que conduz às alturas divinas, com maior facilidade pode conseguir um «carácter sereno e equilibrado e uma «vontade inflexível» que se robustece com «fé profunda e piedade ardente» (cfr n.º 417). Para dar só um exemplo de como as realidades humanas são elevadas a um nível divino, podemos citar o ponto n.º 666, dedicado ao amor: «Os namorados não sabem dizer-se

adeus: acompanham-se sempre. — Tu e eu amamos assim o Senhor?».

Se o leitor consegue meter-se nesta lógica do amor divino, que requer uma dedicação plena e total, não permanecerá indiferente lendo e meditando este livro. Quantas conversões, quantos propósitos de maior coerência cristã, quantas decisões de dedicar a própria vida ao serviço de Deus podem nascer daí!

Só do Céu poderá o Autor contemplar a fecundidade desta sua obra. Por outro lado, pode pensar-se que a tinha previsto: «A relha que arroteia e abre o sulco — diz o ponto 215 —, não vê a semente nem o fruto». A este livro compete abrir o sulco. Aos homens de boa vontade que o lerão, trabalhar para que a semente da Palavra de Deus germine e frutifique.

A actualidade pós-conciliar do livro de Mons. Escrivá vem particularmente das recomendações relativas à alegria cristã: «a santa alegria» (n.º 52 e ss.).

Certos ambientes que, na sua tradição anti-clerical e anti-cristã, tive-

ram o hábito de combater a religião e em particular a Igreja por meio de associações secretas, surpreender-se-ão por ver entre as recomendações do Fundador do «Opus Dei» um incisivo comentário à palavra do Senhor «Ego palam locutus sum mundo»: «Eu falei publicamente ao mundo» (Jo 18,20), descartando, porém, qualquer tipo de disfarce de «cripto padres» e «cripto religiosas» infelizmente de modo recente em não poucos países, especialmente nos de tradição anti-clerical.

Os dois livros históricos do Servo de Deus Josemaria Escrivá «Caminho» e «Sulco» prometem dar à espiritualidade do nosso século aquela contribuição que a Espanha ofereceu no século XVI, quando os escritos da Reforma Carmelitana tiveram a sua benéfica ressonância mundial no orbe católico.

Mais uma vez parece que o Espírito fez sentir o seu sopro benéfico para lá dos Pirineus.

Cardeal Deskur
(L'Osservatore Romano, 14-XII-86)

Teologia Pastoral

GOMEZ PÉREZ, Rafael, *Los nuevos dioses*. Ed. RIALP. 1 vol. de 226 ps., 230×155. Madrid 1986.

Não é verdade dizer-se que o sagrado desapareceu do mundo moderno dando lugar ao secularismo, porque, como bem ensina a metafísica escolástica a essência do ser finito consiste na sua dependência do Absoluto. O que o homem moderno pretende é descobrir outras manifestações do sagrado mais conformes com a sua cultura. Como bem diz H. Scholz, na *Religionsphilosophie*, 2.ª ed. Berlim 1922, p. 29 «hoje dá-se o nome de religião ao conceito do mundo, ao erotismo sublimado e não sublimado, à autodeificação, ao sentido da comunidade, à piedade para com os vivos ou mortos, ao culto dos génios e dos heróis etc.».

Gómez Pérez, neste livro, faz um estudo muito sério e curioso sobre

as transformações do sagrado a partir do séc. XVIII até aos nossos dias, mostrando que o homem deixando o verdadeiro Deus adora ídolos. Numa introdução de 13 páginas mostra que o sagrado não se cria nem se destrói mas transforma-se.

Na 1.ª parte fala da «morte de Deus» explicando o processo da substituição do sagrado nos séc. XVIII e XIX, salientando a origem do ateísmo e suas razões, terminando pelo satanismo.

Na 2.ª parte descreve os novos deuses; e numa exposição, muito interessante, prova como «nas manifestações da cultura moderna» está sempre presente «o sagrado» embora num aspecto diverso do verdadeiro.

Analisa o poder da magia, da superstição, várias histórias com gurús orientais, da crença ecológica, dos elementos sagrados, no Rock, no desporto, no cinema e no regresso ao epicurismo.

Na 3.ª parte trata do cristão, moderno e profano, dizendo-nos que o